

TURISMO E PAISAGEM: A DINÂMICA DA REALIDADE E A CONTRADIÇÃO ENTRE OS FENÔMENOS QUE SE MANIFESTAM NOS DIFERENTES LUGARES*.

Érica dos Santos PICHININ**

RESUMO: Questões importantes se levantam no que diz respeito à influência do momento sócio-econômico na Geografia, bem como das mudanças político-culturais do início do século XXI. O objeto de estudo da presente reflexão irá focar primordialmente a abordagem geográfica de proposições relativas ao turismo associadas à idéia de interação entre os fatos naturais e sociais, na qual a paisagem está inserida no contexto das transformações de diferentes naturezas: econômicas, sociais, políticas, culturais, tecnológicas etc. – que aí se originam e se propagam, frente à dinamização espacial e temporal da atividade turística nas últimas décadas. Isto significa uma alteração profunda, na qual o turismo contribui para o (re)desenho da paisagem e mudanças nos fenômenos que estão inseridos neste cenário. A partir da abordagem teórico-conceitual, é possível identificar os aspectos que compõem a dinâmica paisagística dos diferentes lugares e, em especial compreender os estudos voltados para o turismo no contexto contemporâneo das relações entre desigualdade social e meio ambiente nos países periféricos enfatizando algumas análises metodológicas pertinentes à temática.

Palavras-chave: Turismo. Paisagem. Transformações. Desigualdade Social. Meio Ambiente.

TURISMO Y PAISAJE: LA REALIDAD DINÁMICA Y LA CONTRADICCIÓN ENTRE LOS FENÓMENOS QUE SI REVELAR EN LOS DIVERSOS LUGARES.

RESUMEN: Preguntas importantes si aumento en lo que dice respecto a la influencia del momento socio-económico en la Geografía, así como de los cambios político-culturales del principio del siglo XXI. El objeto del estudio de la actual reflexión irá primordial a enfocar el embarque geográfico de ofertas relativas a los asociados del turismo a la idea de la interacción entre los hechos naturales y sociales, en los cuales el paisaje se inserta en el contexto de las transformaciones de diversas naturalezas: etc. económico, social, de la política, cultural, tecnológico - ese originan allí y si propagan, delantero al espacio y al dinamización secular de la actividad turística en las décadas últimas. Esto significa una alteración profundamente, en la cual el turismo contribuye para (con referencia a) el dibujo del paisaje y los cambios en los fenómenos que se insertan en esta escena. Del embarque teórico-conceptual, es posible identificar los aspectos que componen la dinámica del paisagística de los diversos lugares y, en el special que entiende que los estudios dirigidos hacia el turismo en el contemporáneo del contexto de las relaciones entre el desigualdad social y medio ambiente en los países periféricos que acentúan algunos metodológicas pertinentes analizan el temático.

Palabras Clave: Turismo. Paisaje. Transformaciones. Desigualdad Social. Medio Ambiente.

TOURISM AND LANDSCAPE: THE DYNAMIC REALITY AND THE CONTRADICTION BETWEEN THE PHENOMENA THAT IF REVEAL IN THE DIFFERENT PLACES.

ABSTRACT: Important questions if raise in what it says respect to the influence of the partner-economic moment in Geography, as well as of the politician-cultural changes of the beginning of century XXI. The object of study of the present reflection will go primordially to focus the Geographic boarding of relative proposals to the tourism associates to the idea of interaction between the natural and social facts, in which the landscape is inserted in the context of the transformations of different natures: economic, social, politics, cultural, technological etc. - that they originate there and if they propagate, front to the space and secular expansion of the tourist activity in the last few decades. This means an alteration deep, in which the tourism contributes for the drawing of the landscape and changes in the phenomena that are inserted in this scene. From the theoretician-conceptual boarding, it is possible to identify the aspects that compose the dynamics landscape of the different places and, in special understanding the studies directed toward the tourism in the context contemporary of the relations between social inequality and environment in the peripheral countries emphasizing some pertinent methodological analyzes to the thematic one.

Keywords: Tourism. Landscape. Transformations. Social Inequality. Environment.

*Texto resultante de reflexões no âmbito da pesquisa “A paisagem, uma ferramenta de análise para o desenvolvimento sustentável de territórios na interface natureza e sociedade”, sob orientação do Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos. Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente/S.P.

** Mestranda em Geografia. Programa de Pós-Graduação da referida instituição. Dep.Geografia. E-mail: ericageopp@yahoo.com.br.

1. Introdução

No Brasil, o turismo principalmente a partir de meados do século XX tem sido estimulado dada a sua crescente importância para a economia. No entanto, somente nas últimas décadas, assiste-se ao maior direcionamento de ações que visam à valorização e preservação do patrimônio natural e cultural.

Esse fenômeno, como se verifica no levantamento feito a partir da leitura de diferentes autores demonstra a atenção, por parte de novos cientistas, em estudos que geralmente estão intimamente ligados ao bem-estar humano, o que contribui para a essa estimada renovação. Em virtude desta atual atração que exerce não apenas sobre os pesquisadores, o turismo vem assumindo um papel cada vez mais central no âmbito dos debates entre a sociedade em geral, contribuindo de modo significativo para a evolução do pensamento como um todo.

No campo de debate da Geografia, uma das preocupações mais recentes é a abordagem da paisagem de maneira integrada que leve em consideração a ação de seus atores sociais capazes de produzir transformações econômicas, político-culturais, institucionais etc.

No cerne destas mudanças está a necessidade de se considerar a crescente procura por lugares que ofereçam atrativos culturais e de lazer, mas, deve se evitar cair no caráter reducionista da interpretação da paisagem sob o ponto de vista estético.

Essa recente reestruturação difere do que se observava até o final do século XX, momento no qual, as políticas do setor estavam centradas primordialmente no desenvolvimento da infra-estrutura, por exemplo, da rede hoteleira. Agora, a paisagem adquire um novo valor em função do crescimento do “fenômeno turístico” nas diferentes regiões e lugares, transformados em mercadoria. Smith (1988), dentro de uma perspectiva teórica e ideológica bastante diversa comenta:

[...] Mas não é apenas a substância intrínseca de uma mercadoria que determina seu valor de uso. Antes, é a utilidade do objeto em relação a outros objetos, eventos, atividades. O valor de uso é, em primeira instância, uma relação, e como parte do conjunto de relações que determinam um valor de uso particular está um conjunto de relações espaciais. (Ibid, p. 130).

Apesar da análise da interação dos objetos naturais e sociais nos mostrarem grande parte do que se deseja conhecer sobre os diferentes momentos históricos de cada paisagem, torna-se essencial o conhecimento a partir das relações sócio-espaciais que permearam este momento histórico, afinal, “a técnica não tem existência histórica fora das relações sociais”. Smith (1988) destaca:

A relação contemporânea com a natureza obtém o seu caráter específico a partir das relações sociais do capitalismo. O capitalismo difere de outras economias de troca no seguinte: produz, de um lado, uma classe que domina os meios de produção para toda a sociedade, ainda que não produza trabalho, e, de outro lado, uma classe que domina somente sua própria força de trabalho, que precisa ser vendida para sobreviver. (Ibid, p.86).

No caso dos países periféricos, a transformação da paisagem é um indicativo da necessidade de se investigar metodologias apropriadas para avaliação de impactos sócio-ambientais, que compreendam os de ordem direta, indireta, como também os processos que alteram, de modo cumulativo ao longo do tempo, o meio ambiente. Partimos, portanto, do pressuposto que a mudança na paisagem esteja relacionada com as diversas formas de antropização nos diferentes lugares.

Forbes em seu livro “Uma visão crítica da Geografia do subdesenvolvimento”, publicado em 1989, retomando Soja (1981, p.20), sintetiza bem esta perspectiva:

O desenvolvimento regional desigual, no regime capitalista, constitui, em princípio, um reflexo do meio natural e da “rude espacialidade física da existência

humana”. Em segundo lugar – o que é mais importante – ele é social e historicamente produzido [...] enraizado e modelado pela evolução das relações de produção, pelas alterações tecnológicas e pelas lutas políticas. (SOJA, 1981, p.20 apud FORBES, 1989, p.229)

Nesse contexto, os custos com a logística, transportes e rede hoteleira desempenham papel central nos modelos teóricos de análise do comportamento dos agentes econômicos. Não obstante, evidenciam-se os estudos voltados para a análise dos impactos dessa atividade no desenvolvimento da economia em diferentes escalas, e também na paisagem, em grande medida, como resultado da implantação de infra-estrutura.

Verifica-se, desta forma, que o turismo pode influenciar a economia nas escalas nacional, regional e local. Porém, é importante distinguir os impactos sócio-espaciais e ambientais dos investimentos no setor, considerando duas vertentes de análise diferenciadas. Ou seja, de um lado, tem-se a vertente que analisa a atividade turística como capaz de impulsionar a geração de emprego e renda, a melhoria da qualidade de vida, a redução da desigualdade social, o aquecimento de outros setores produtivos como o de infra-estrutura, saneamento e serviços (hospedagem, transportes, alimentação) e, de outro, os reflexos contrários na organização espacial da população, principalmente na que se encontra às margens do sistema capitalista. Esta dualidade associada à reestruturação produtiva internacional do século XX e início do século XXI nos remete aos problemas crônicos que envolvem questões como fluidez do trânsito, segurança e meio ambiente. Estes aspectos demonstram a necessidade de uma gestão integrada no que se refere à preservação do patrimônio histórico-cultural, bem como da biodiversidade com o intuito de alavancar os diferentes lugares não apenas do ponto de vista econômico, mas também e, principalmente, o social.

No discurso de Forbes (1989):

As formas de diferenciação regional que assim se chega são comprovadas pelos desníveis regionais de produtividade da mão-de-obra, taxas de lucro, composição orgânica do capital e custos do capital flutuante, inclusive índices salariais e custo da reprodução da força de trabalho. (Ibid, p.229)

No Brasil, por exemplo, a expansão do “fenômeno turístico” constitui um componente relevante nos últimos anos. Por um lado é crescente a procura por atividades ligadas à cultura e ao lazer o que contribui para o aquecimento do mercado interno brasileiro e dos investimentos de recursos públicos e privados no setor. Por outro lado, a diferenciação interna entre os municípios brasileiros pode contribuir para o aumento da concentração espacial da atividade em determinados locais em detrimento de outros, como também intensificar as desigualdades inter-regionais em termos de oferta de emprego e renda no setor.

Neste sentido, os pressupostos apresentados remetem à compreensão do turismo enquanto uma atividade dotada de dinamicidade, na qual o homem é agente e também paciente dos processos de transformação e reflete as contradições existentes no espaço que se apresenta organizado segundo a lógica do capitalismo e das relações sociais às quais está inserido.

2. Turismo e Paisagem: desigualdade social e meio ambiente.

A relação sociedade-natureza é algo que há tempos tem despertado a atenção dos pesquisadores. Os inúmeros estudos centrados nesta vertente de análise se caracterizam por um dinamismo intenso, sendo reflexo da constante transformação do modo como o homem tem se relacionado com a natureza ao longo da evolução das sociedades.

É neste viés que se reafirma como base de investigação para a atividade turística um paradigma que possibilite um maior conhecimento integrado de compreensão geográfica da paisagem como tentativa de apreender os aspectos naturais juntamente com os de ordem social a partir de uma abordagem interdisciplinar, cujo enfoque é a dinâmica da paisagem.

Aqui a paisagem é analisada, portanto, no contexto da Ciência Geográfica, uma vez que representa o ponto de convergência de inúmeros estudos, desde o início de sua sistematização enquanto conhecimento científico. Este conceito passa a ser utilizado, sobretudo a partir do século XIX, referindo-se ao conjunto de “formas” que caracterizavam um determinado setor da superfície terrestre e iam do natural ao social, podendo englobar diversas classificações (morfológicas, vegetais, agrárias etc.).

Sua concepção está estritamente ligada à história da Geografia Francesa, na qual a emergência participa de uma renovação da pesquisa na interface da sociedade e da natureza, para os geógrafos. Neste aspecto foi relevante a influência *lablachiana*, no qual se tinha o valor econômico se superpondo a um enfoque determinista – **gêneros de vida**, as paisagens biogeográficas.

Somente na década de 1960, quando a paisagem ganha maior destaque na Geografia de diversos países como a França, a Inglaterra, os Estados Unidos e até mesmo o Brasil, há uma tentativa de superar sua definição “clássica” que a considera como uma porção do território vista por um observador, a partir de um determinado ponto, a qual privilegia essencialmente os aspectos visíveis. Neste ponto, Passos (1998) destaca: “apesar das divergências entre os autores, há um consenso em considerá-la não meramente como objeto, mas como relação”.

Georges Bertrand (1968) não restringe a análise da noção de paisagem apenas ao visível, ao percebido, ao externo, ou seja, vai além, incluindo também elementos decorrentes da ação antrópica e que compõem a representação sócio-cultural acerca de um determinado local. Para este autor, a paisagem deve ser vista a partir dos elementos que lhe dão dinamicidade, responsáveis pela sua evolução/transformação.

Seguindo uma linha de pensamento que vai ao encontro às idéias de Bertrand (1968), Passos (1996) propõe a concepção da paisagem como um “*polissistema*”, uma sobreposição de formas derivadas dos sistemas natural, econômico, social, cultural, a paisagem como híbrido da sociedade e da natureza, que ao se transformar, guarda impressa marcas sobrepostas produzidas pela sociedade em diferentes períodos históricos.

Em relação ao turismo, é importante considerar as peculiaridades geográficas de acordo com os diferentes estágios de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, bem como as transformações desencadeadas na paisagem ao longo do tempo que vão desde escassas alterações até padrões completamente descaracterizados.

A partir do exposto, surgem inúmeros questionamentos voltados para a análise da organização espacial da atividade turística, dentre estes podemos indagar sobre o seguinte fato: No período atual, quais programas e/ou ações inovadoras que visam à criação de alternativas para a população local têm sido elaborados e implementados na maior parte dos países de periferia, visto que no âmbito do desenvolvimento da atividade turística a valorização dos aspectos locais associada às iniciativas institucionais é fundamental para a difusão das potencialidades naturais e culturais?

Convém mencionar que questões como essas são antes de tudo um exercício para entender apenas alguns aspectos da temática, devido ao fato de apresentar um amplo leque de critérios que possibilitam apreender o turismo além de seu clássico modelo, ou seja, “gerador de emprego e renda”, uma vez que as concepções sobre a atividade estão embasadas no surgimento de novas formas e novas funções resultantes da incorporação de novas paisagens. Esta dialética demonstra o turismo enquanto uma atividade propulsora, capaz de moldar novas realidades através das transformações produzidas na paisagem de um determinado lugar destinado à atividade turística, na qual o tempo e o espaço se apresentam como “tempos e espaços”, por serem “fragmentos” de diferentes tempos e espaços.

É nesta perspectiva que a atividade turística é tratada por meio da transformação da paisagem, ou seja, (re)definição de formas, características de momentos históricos distintos, mas que nos dias atuais ainda coexistem, reflexo das reais necessidades da sociedade contemporânea o que configura um verdadeiro mosaico.

Assim, é possível constatar que a paisagem não é simplesmente a soma dos elementos geográficos, mas sim o resultado sobre uma determinada porção do espaço da combinação dinâmica

e, portanto instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que ao interagirem uns com os outros dialéticamente fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínuo processo de evolução (BERTRAND, 1968, p. 250).

Barros nos adverte que:

[...] Paisagens antes pouco lembradas, ou vistas punctualmente (sic) como simples fontes de matérias primas minerais ou vegetais, recebem novos significados e valorizações pelos negócios turísticos ou pela cultura ambiental e de pesquisa. (BARROS, 1998, p.17).

A delimitação, neste sentido, não deve considerar um fim em si mesmo, único meio de entender a realidade, ao invés de impor categorias pré-estabelecidas, deve-se considerar as descontinuidades objetivas da paisagem.

Em se tratando dos países periféricos e da dinâmica atual, esta variável também se apresenta relacionada aos aspectos naturais e à cultura local que contribuem para a construção das diferentes paisagens, nos quais seus reflexos são diretamente percebidos pelos turistas. No entanto, para que ocorra seu crescente fortalecimento, é necessária a implantação de políticas públicas direcionadas não apenas à escala local, mas também às escalas regional e nacional.

No âmbito da complexidade que envolve essa discussão algumas formulações devem ser levadas em consideração como o “meio técnico - científico e informacional” conforme aponta Santos (1994), o contexto dos “espaços de fluxos” e dos “espaços de lugares”, segundo Castells (1999) e, ainda o espaço cujas paisagens expressam a chamada “cultura pós-moderna”, termo empregado por autores como Harvey (1992) e Soja (1993).

Neste sentido, é possível analisar o turismo enquanto uma das expressões da sociedade contemporânea, ou seja, múltipla e contraditória, onde ocorre uma sobreposição de paisagens de diferentes momentos históricos.

Procurando expor elementos que justifiquem as reflexões que emergem em torno desse debate, pode-se recorrer à análise de Santos (1997), na qual:

[...] A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta as necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (Ibid, p.84).

Alguns autores que analisam a difusão do fenômeno turístico apontam que este processo revela múltiplas facetas. No contexto do avanço das atividades turísticas e dos seus desdobramentos, a relação cidade-campo se configura como um importante objeto de estudo.

Os espaços urbano e rural são produzidos e reproduzidos pelas atividades humanas. Assim, diante da organização da vida econômica e social estabelecida, assiste-se a uma degradação cada vez maior e sem a mínima preocupação com o futuro por parte dos atores sociais interessados apenas com a obtenção de lucros crescentes através de seus empreendimentos.

Neste âmbito, pode-se destacar como exemplo, o turismo rural, enquanto forma de reorganização sócio-espacial, no qual as paisagens locais são uma opção de lazer oferecida ao turista, como também são alternativas de trabalho e renda para a reprodução familiar. A atividade turística no meio rural se tornou uma fonte de renda, senão a principal, para grande parte dos proprietários de hotéis fazendas.

Ressalta-se que ao analisar a prática do turismo na área rural como uma alternativa econômica e fonte de geração de emprego e renda, deve-se considerar em contrapartida que o modo de produção capitalista é contraditório e excludente e, portanto, esta atividade também acentua as desigualdades sociais. O turismo, neste caso, pode gerar um número pouco expressivo de empregos

e contribuir para o distanciamento ainda maior do cumprimento da verdadeira função social da terra, que permanece concentrada nas mãos de uma reduzida parcela da população.

Como argumenta Smith:

O desenvolvimento desigual é a desigualdade social estampada na paisagem geográfica e é simultaneamente a exploração daquela desigualdade geográfica para certos fins sociais determinados. (SMITH, 1988, p. 223).

Também lhe é característico os conflitos existentes entre as permanências e as mudanças (seja em relação ao uso do solo, condições geológicas, climáticas ou a divergência de interesses), entre o, natural *versus* social, ou seja, a realidade deve ser compreendida na sua contradição interna.

No que diz respeito à procura por atividades ligadas ao turismo, esta é mais expressiva pelo segmento da população que além de deter o capital, detém os meios de produção e que, em alguns casos, se concentram também no espaço rural. Isto representa uma fragmentação do ponto de vista sócio-espacial, ao mesmo tempo em que se tem uma transformação de paisagens inseridas no contexto da nova constituição física da cidade e do campo que, de certa forma, futuramente será responsável por novas centralidades (deslocamento da população, demanda por transportes, prestação de serviços e mercado financeiro). Assim, associada à nova relocação das atividades turísticas emerge a necessidade de se ‘transplantar’ os equipamentos públicos e infra-estrutura para as novas formas de habitat construídas com a dinamização do setor.

Diante das perspectivas apresentadas na redefinição cidade-campo, deve-se pensar também a descontinuidade sócio-espacial. Isto reforça o fato de que o estudo integrado da paisagem é tão importante quanto o estudo do “fenômeno turístico”, visto que os modos de vida estão diretamente relacionados e são passíveis de percepção quando se analisa a interpenetração dos valores urbanos nos valores rurais – dissolução – há uma ‘cenarização’ da vida rural, uma vez que as práticas que se estabelecem nesses espaços “mistos” estão intrinsecamente relacionadas ao bem-estar de cada turista.

Essa descontinuidade entre os diversos pontos do território e que se sobrepõem à continuidade faz com que, agora, atividades inovadoras, por exemplo, possam ser ‘plotadas’ para outros pontos, levando-se em consideração os interesses econômicos e sociais, não havendo, portanto, relação direta com a proximidade de determinado ponto com o principal centro inovador, justamente em função desta descontinuidade. Ademais, não se pode esquecer que esta mesma descontinuidade pode gerar uma desvalorização relativa – valorização de áreas vazias no interior de um determinado espaço que pode contribuir para a desconstrução ou deterioração da diversidade histórico-cultural.

O intercâmbio entre regiões produz uma transferência de recursos, o que, por sua vez, acentua os índices diferenciais de acumulação e aquisição de mais-valia. No entanto, o capitalismo abriga dentro de si processos contraditórios no sentido da diferenciação e da igualização espaciais, sendo a primeira um produto da necessidade que o capitalismo tem da desigualdade regional assegurar a sua reprodução e a segunda a prova da capacidade de homogeneização do capital. Em nenhum lugar isso está melhor ilustrado do que na expansão capitalista à escala global, já que em muitas partes do Terceiro Mundo as forças contraditórias do desenvolvimento e do subdesenvolvimento se articulam de forma aguda nas grandes metrópoles. As políticas regionais são importantes para a transformação do espaço capitalista. (FORBES, 1989, p.229-230)

A partir dessa compreensão, ou seja, de que se espaço é o resultado da intervenção do homem e dos interesses que nele se acham em conflito, torna-se clara a necessidade de se ampliar a contribuição do poder público e o seu papel na pluriatividade como alternativa de sobrevivência da produção familiar no espaço rural, na qual as propriedades incorporam novas alternativas agrícolas

e não agrícolas, como também no estudo das cidades por meio de propostas que visem à renovação urbana e evitem a descaracterização das paisagens urbanas, bem como a perda de identidade e de memória das diferentes cidades.

Outro fator que deve ser considerado na implementação de atividades e programas voltados para a comunidade é a sustentabilidade como forma de preservar o patrimônio histórico-cultural e o ecossistema, através do desenvolvimento da cultura e do lazer, uma vez que a prática destas atividades pode apresentar impactos sobre o meio ambiente. Deve-se ressaltar também a necessidade de melhor organizar e disponibilizar informações básicas que afetem diretamente o atendimento destinado aos turistas, também de conscientizar a população a cerca das peculiaridades locais que podem servir de atrativos tais como: parques, praças, monumentos históricos, culinária, folclore etc. e, que vão além da intenção de desenvolver tais projetos dentro de um caráter flexível, capazes para acompanhar o fluxo da realidade e suas contradições.

De acordo com Barros (1998), “o turismo é um consumidor de paisagens e territórios por excelência, [...] preparando-os para torná-los produtos consumíveis”.

O referido autor aponta:

[...] Os negócios turísticos operam uma recriação, glamourizam as paisagens decepando-as ou omitindo aspectos das realidades paisagísticas que não são relevantes para os atos de marketing e vendas. (BARROS, 1998, p.34).

Desta forma, tornar um local objeto de consumo para o turista exige que sejam adotadas medidas que proporcionem uma maior acessibilidade e equidade em relação aos recursos sócio-culturais e ambientais.

Frente a estas transformações econômicas, sociais, culturais e espaciais, é possível verificar que “novas formas” e “novas funções” configuradas nas novas relações entre as potencialidades e o ‘caráter vocacional’ para o turismo de um determinado local, requer um maior conhecimento por parte de toda a comunidade da sua pluriatividade que envolve relações contraditórias entre o espaço natural e o espaço construído. O ecoturismo, por exemplo, implica uma relação conservacionista entre o patrimônio natural e o patrimônio cultural, no qual os locais escolhidos criteriosamente para esta atividade têm suas paisagens transformadas de acordo com os interesses de mercado.

Santos (1982) enfatiza:

As diferenças entre lugares são os resultados do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O ‘valor’ de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional (SANTOS, 1974, p.8 apud SANTOS, 1982, p.14).

Pode-se inferir que um planejamento adequado enquanto expressão da organização espacial tem como uma das tendências otimizar as atividades humanas, reduzindo as desvantagens. No entanto, do ponto de vista da eficácia social, a forma como vem sendo aplicado não reduz as desigualdades sociais, principalmente quando se trata dos países periféricos. Desta maneira, a dificuldade em se implantar um planejamento que atendesse às necessidades da sociedade contemporânea se tornou ainda maior em virtude da dimensão dos problemas de ordem social e ambiental.

Ainda de acordo com Santos (1982):

A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas”, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita. (Ibid, p. 14)

Diante disso e em face das transformações que se processam na transformação da paisagem através do crescimento da atividade turística evidenciado nos últimos anos é de extrema importância implantar adequadamente cada um dos instrumentos de gestão, tendo em vista que a ausência de um planejamento eficaz agrava os problemas sociais de várias ordens e dimensões e degrada o meio ambiente.

3. Considerações Finais

A partir das reflexões anteriormente expostas, observa-se que a paisagem não deve ser compreendida apenas pelo viés estético, visto que os aspectos essenciais que a compõe devem ser relevados. Assim, a importância da abordagem paisagística está no fato de nos remeter a uma percepção direta da dinâmica da realidade que engloba, é claro, o desenvolvimento do turismo. Para tal, devemos considerar desde suas formas, ou seja, sua aparência visível, até os aspectos invisíveis, tendo-se em mente a relação dialética entre todos os seus elementos (naturais e sociais). Relação esta que, por sua vez, pode ser apreendida na via da compreensão da Geografia.

No entanto, as pesquisas neste campo de debate ainda precisam de um maior dinamismo a fim de acompanhar os reflexos da constante transformação do modo como o homem tem se relacionado com a natureza ao longo da evolução das sociedades. Assim, temos a constante (re)definição da paisagem de acordo com os padrões locais de consumo, de produção, da cultura e que desempenham importante papel no direcionamento turístico.

Nos últimos anos, a apropriação capitalista dos diferentes lugares pela atividade turística tem acarretado impactos sócio-ambientais. Não se trata, portanto, de analisar apenas a inquestionável relevância para o turismo da preservação de cenários naturais como áreas de matas, rios, serras - ausentes de qualquer tipo de poluição e com considerável biodiversidade, além dos benefícios proporcionados através da geração de empregos (diretamente e indiretamente).

Assim, se por um lado, o processo de globalização, o advento das inovações tecnológicas e o papel da logística e das redes de telecomunicações contribuem para a ascensão da atividade turística, contraditoriamente ocasionam impactos de ordem social e ambiental, o que faz com que o período atual represente muito além de uma revolução, justamente por não se tratar unicamente de uma transformação na esfera econômica.

É necessário, portanto, priorizar ações que visem essencialmente à estruturação de mudanças na sociedade. Diante da complexidade das inter-relações inerentes à dinâmica da paisagem e à organização social, devem-se considerar os limites culturais existentes em relação a estas mudanças. Portanto, o planejamento, na sua eficácia, deve estabelecer as limitações dentro das quais podem se projetar as mudanças sócio-culturais, assim como construir um sistema de mudança político-econômica mutuamente reforçada que poderá minimizar as desigualdades sociais *estampadas* na paisagem.

Referências Bibliográficas:

- BARROS, Nilson C. Crócia de. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: UFPE, 1998.
- BERTRAND, Georges. BERTRAND, Claude. **Une Géographie Traversière. L'environnement à Travers Territoires et Temporalités**. Paris : Éditions Arguments, 2002.
- BERTRAND, G. Paysage et géographie physique globales: esquisse methodologique. **Révue de Géographie des Pyrenées et Sud-Ouest**. Toulouse, p.249-72, 1968. v.39.
- CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DALAND, Robert T. **Estratégias e estilo do planejamento brasileiro**. Trad. Carlos Kronauer. Rio de Janeiro: Lidador, 1969.v.7.

- FORBES, D.K. **Uma visão crítica da Geografia do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1991.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. Tradução Estela dos Santos Abreu. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (novas direções). 359p.
- MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975.
- MOISÉS, José Álvaro et al. **Contradições urbanas e movimentos sociais**. In: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.
- MONTEIRO, C. A. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000.
- PASSOS, Messias Modesto dos. **Biogeografia e Paisagem**. Presidente Prudente: Edição do autor, 1998.
- PELLETIER, Jean e DELFANTE, Charles. **Cidades e urbanismo no mundo**. 3 ed., Rio de Janeiro: Instituto PIAGET, 1997.
- SANTOS, MILTON. **Espaço e Sociedade (Ensaio)**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1982.
- _____. **Técnica, Espaço, Tempo**. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Por uma nova globalização**. São Paulo: Record, 2000.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOJA, E.W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- _____. Uma contribuição para a história do planejamento do Brasil. In: DEÁK, Csaba & SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP/FUPAM, 1999.